

FACULDADE SÃO FRANCISCO DE ASSIS
GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Daniela do Nascimento

Amor: Um olhar psicanalítico

Porto Alegre

2019

Daniela do Nascimento

Amor: Um olhar psicanalítico

Artigo apresentado à Faculdade São Francisco de Assis, como parte de requisitos para obtenção de título de Bacharel em Psicologia

Orientador: Profa. Dra. Cristina Py de Pinto Gomes Mairesse

Porto Alegre

2019

RESUMO

O presente artigo foi construído a partir de uma necessidade acadêmica do curso de Psicologia e refere-se a uma temática peculiar, que durante toda a trajetória do curso, se atravessou de forma impetuosa em minha formação: os relacionamentos amorosos. Mediante a construção psicanalítica baseada em Freud e Lacan, pretende-se mostrar como o amor é visto pela psicanálise, como é realizada a escolha do objeto amoroso e as diferenças entre amor e paixão, utilizarei para isto a leitura de textos desses autores bem como de alguns outros que contribuem para a construção desta pesquisa de cunho bibliográfico. Almeja-se, ao fim deste trabalho, entender o que é o amor visto para além do senso comum, sob a ótica da psicanálise.

Palavras-chave: Amor. Psicanálise. Relacionamentos Amorosos. Freud. Lacan.

ABSTRACT

This article was assembled based on an academic need of the Psychology Course, and it is related to an inherent subject, that throughout the whole scholar journey, has continuously emerged in my formation: romantic relationships. By applying the psychoanalytic framework founded on Freud and Lacan principles, I intend to unveil how love is perceived by psychoanalysis, how the choice of the object of affection is made and the differences between Love and Passion. This thesis will be grounded in texts of these authors as well as the texts of others that contribute for the production of this bibliographic-oriented research. It is intended, at the end of this essay, to comprehend what is Love beyond the common sense perspective, through a psychoanalysis point of view.

Key Words: Love. Psychoanalysis. Loving relationships. Freud. Lacan.

1 INTRODUÇÃO

Nós sentimos o amor. Quando estamos apaixonados não temos qualquer dúvida de que é amor o que sentimos. Mas tente descrever o que é o amor.... É difícil. Será que é porque a nossa concepção de amor vem a partir das histórias que lemos, dos filmes que assistimos, da visão dos poetas, e das músicas compostas pelos grandes apaixonados? Será que ficamos comparando os sentimentos que temos com o que imaginamos que poderia ser amor?

O termo amor circula de forma livre no senso comum. Desde o início da História há relatos sobre a temática. Os dramaturgos, a literatura, a filosofia, bem como a religião versam sobre o amor. O criador da psicanálise Sigmund Freud também abordou o tema nas suas obras. No texto *Psicologia das Massas e Análise do ego* de 1921, Freud aborda a clínica psicanalítica como essa está implicada no tema do amor. Ele aponta que o início da teoria freudiana se dá a partir do amor de transferência, com o qual a psicanálise recoloca o fenômeno amoroso na experiência terapêutica. A prática psicanalítica é diretamente fundamentada no amor e, por isso, aparece como condição para o surgimento do tratamento psicanalítico. Seguindo a leitura do texto podemos compreender que, para Freud a análise está alicerçada no amor transferencial.

Um assunto recorrente na clínica psicanalítica com pacientes jovens e adultos é o amor, seus fracassos e seus impasses. A realização no amor é tomada como um objetivo, um sonho ou como a única forma de alcançar a felicidade e sentir-se “completo”, sendo também, uma das principais fontes de sofrimento e angústia que uma pessoa pode ter. Freud apud Ravanello e Martinez (2013) aborda a vida amorosa sob diversos ângulos, um deles recebendo maior destaque: a relação do amor com objeto amoroso propriamente dito, ou seja, a compreensão de que o que está em jogo no amor é uma tentativa de completude, de complemento. Por esse motivo é muito comum que quando uma pessoa está apaixonada por outra, em um dado momento ela sempre acaba supondo que a outra pessoa tem alguma coisa que falta a ela e que responde por tanto a sua falta. Há sempre nos pares amorosos esse “ingrediente” de completude.

Outra forma de nos ligarmos aos objetos de amor seria pela identificação. Nesse sentido Nasio (1999, p. 80) descreve a identificação à luz da psicanálise e refere-se ao modo que “o sujeito se identifica com alguém ou alguma coisa quando

ele se confunde com esse alguém ou essa coisa, quando ele vai até o outro para assimilá-lo e assimilar-se a ele, até tornar-se idêntico”. A identificação seria a primeira forma de construir um laço. Ela seria uma tentativa de moldar o ego de acordo com aquele com o qual nos identificamos. É a forma mais primitiva de se ligar a um objeto - uma regressão da mesma, pois se introjetaria o objeto ao ego. (FREUD, 1921/1996)

Ao iniciar o processo de construção do trabalho de conclusão do curso de psicologia, imaginei poder desvendar e entender um pouco dos mistérios do amor, como um ideal, como algo atrelado ao inconsciente, ao desejo, à falta. Razão e emoção são dois planetas que não habitam a mesma galáxia, o que se traduz em uma gama de possibilidades de relacionamentos. O desejo de descobrir o que move essas possibilidades de relacionamento produziu em mim uma necessidade de aprofundar a compreensão dos eventos amorosos. Portanto a construção do presente trabalho é uma busca para diferenciar o amor do senso comum daquele que falamos quando usamos como base a Psicanálise.

Mediante a construção psicanalítica baseada em Freud e Lacan, pretendo mostrar como o amor é visto pela psicanálise, como é realizada escolha do objeto amoroso, as diferenças entre amor e paixão e as dores do amor. Utilizarei para isto a leitura de textos desses autores bem como de outros que contribuem para a construção desta pesquisa de cunho bibliográfico.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A teorização sobre o campo amoroso na obra freudiana se deu no período de 1910 a 1918, quando o autor escreveu suas Contribuições à psicologia do amor em três textos. O primeiro texto de 1910 trata-se de uma escolha peculiar de objeto feita pelos homens. A teoria começa a ser trabalhada, quando o autor afirma que os homens sempre procuram a mãe em suas escolhas objetais. Dois anos mais tarde, no seu segundo texto de 1912, dedicando ao estudo da universal à depreciação na esfera do amor, o autor salienta a relação entre a depreciação do amor e o fenômeno da repetição, como podemos ver na citação a seguir:

A psicanálise revelou-nos que quando um objeto original de um impulso desejoso se perde em consequência da repressão, ele se representa, frequentemente, por uma sucessão infindável de objetos substitutos, nenhum dos quais, no entanto, proporciona satisfação completa. Isto pode explicar a inconstância na escolha de objetos, o 'anseio pela estimulação' que tão amiúde caracterizam o amor nos adultos. (FREUD, 1912/1996, p.194).

O resgate de Lacan no campo da linguagem é realizado pela clínica analítica e pelo amor: “falar de amor, com efeito, não se faz outra coisa no discurso analítico.” (LACAN, 2008, p. 89). Sendo assim se não houvesse os obstáculos amorosos, não existiria a psicanálise.

Deste feito, o tema abarca as tramas subjetivas, epistemológicas e conceituais que estão envolvidas em toda a construção teórica elaborada tanto por Freud quanto por Lacan, para dar conta do que vem a ser o sujeito e o modo como a psicanálise oferece o amor transferencial como motivo do processo analítico.

A vivência da clínica psicanalítica está diretamente implicada no campo do amor, visto que marca o início da teoria freudiana, a partir do amor de transferência, com o qual a psicanálise recoloca o fenômeno amoroso na prática terapêutica. A Psicanálise está fundamenta no amor e, por isso, este aparece como condição para surgimento do tratamento psicanalítico. A partir das leituras das obras de Freud em relação à transferência, podemos entender que o autor sustenta uma importância dada ao amor transferencial não apenas em seus textos iniciais, mas sim ao longo de sua obra. No trecho a seguir, podemos salienta que Freud (1921/1996) coloca as relações de amor, em seu sentido mais amplo, como o principal tema da psicanálise, uma vez que implicam em uma transferência de amor vivenciada no passado entre o sujeito e seus objetos amorosos:

As relações de um indivíduo com os pais, com os irmãos e irmãs, com o objeto de seu amor e com seu médico, na realidade, todas as relações que até o presente constituíram o principal tema da pesquisa psicanalítica, podem reivindicar serem consideradas como fenômenos sociais. (FREUD, 1921/1996, p. 81).

Desta forma a história da psicanálise se apoia na transferência e a temática do amor em primeiro plano, o que por sua vez, reconstituiria inclusive o campo da verdade. A transferência propicia um aparente equívoco que por sua vez representa a verdade do inconsciente. Na sequência, apresentaremos um excerto no qual Freud (1915/1996) trabalha o fenômeno amoroso na transferência como experiência genuína. Neste excerto, o autor utiliza a palavra “genuína” apresentando uma

abordagem do conceito de verdade, colocando em questão seu estatuto. Assim, afirma que o amor tem como caráter essencial o fato de consistir em novas adições de antigas características, isto é, repetições infantis:

Por que outros sinais pode a genuinidade de um amor ser reconhecida? Por sua eficácia, sua utilidade em alcançar o objetivo do amor? A esse respeito, o amor transferencial não parece ficar devendo nada a ninguém; tem-se a impressão de que se poderia obter dele qualquer coisa. (FREUD, 1915/1996, p. 185).

O autor debate que o amor e o conceito de transferência são feitos a partir de formas aparentemente contraditórias, tanto que, primeiramente, Freud (1915/1996) defende que o amor transferencial tem características que o distinguem do “amor normal”, objetal, no sentido de encontrar a genuinidade do amor.

Lacan (1992) foi um autor que deu extrema importância ao amor transferencial da teoria freudiana, tanto que realiza o seminário oito a fim de trabalhar sobre o tema. Neste texto, o autor descarta a análise enquanto pedagogia amorosa:

Não estou ali, afinal de contas, para seu bem, mas para que ele ame. Isso quer dizer que devo ensiná-lo a amar? Certamente, parece difícil elidir essa necessidade – quanto ao que vem a ser amar e o que vem a ser o amor, há que dizer que as duas coisas não se confundem. (LACAN, 1992, p. 23).

Lacan (1992) analisando o amor transferencial da teoria freudiana acrescenta que o amor transferencial compartilha da mesma noção que o amor-paixão:

Da mesma forma, desde sempre a questão do amor de transferência esteve ligada, de modo estreito demais, à elaboração analítica da noção de amor. Não se trata de amor enquanto Eros - presença universal de um poder de ligação entre os sujeitos, subjacente a toda realidade na qual se desloca a análise – mas de amor-paixão, tal como é concretamente vivido pelo sujeito como espécie de catástrofe psicológica. (LACAN, 1992, p.133).

Roudinesco e Plon (1998) retomam das obras de Freud e de Lacan e definem a transferência enquanto “feita do mesmo estofado que o amor comum, mas é um artifício, uma vez que se refere inconscientemente a um objeto que reflete o outro.” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 769). Assim, para os autores, a transferência é feita do mesmo estofado que amor comum e o que se transfere é justamente o afeto.

Podemos observar através da clínica psicanalítica que o amor, em sua essência é narcísico e o que firma o pretextado objeto é que, no desejo, é resto Lacan (2005) chama esse resto de objeto a¹, ou seja, causa e motivo de sua insatisfação, senão de sua impossibilidade. O amor é inábil, ainda que recíproco, pois ignora que é apenas o desejo de ser um o que conduz o sujeito ao impossível de estabelecer a relação dos dois sexos. Mas insistimos neste desejo impossível, na falsa sensação de completude e o amor vive a convicção de poder realizá-lo, de preencher aquilo que nos falta. Se o sentimento amoroso pôde ser qualificado de narcísico, não é no sentido que permitiria assegurar certa imagem de si, mas no sentido em que aquele que é amado advém ao lugar de uma falta de ser.

No momento em que o enamorado se declara, declara sua perda e não é mais ele mesmo: assegura sua própria ausência no Outro, que sempre conheceu que sempre sentiu. O enamorado permanece aquele que não é, mesmo quando é amado de volta. De dois fazer um, desejo do amor que precisa suprimir a diferença, igualar os apaixonados. Se o outro não se assemelhasse a mim, se eu nele não reconhecesse a minha imagem, não o amaria. O amor é narcísico na sua essência.

Lacan (1998) é o precursor da dialética da alienação do sujeito no eu, conforme o seu escrito sobre O Estádio do Espelho em 1949, o autor afirma que o sujeito apreende a si mesmo, a não ser sob a forma do seu eu (moi)², estritamente dependente do outro especular, o que constitui sua identidade. Por essa razão, a relação que o sujeito mantém consigo mesmo e com os outros (seus objetos) permanece sempre mediada pelo eixo Imaginário. É na fase do espelho que se caracteriza o aparecimento do narcisismo primário, que é o investimento funcional amoroso sobre si mesmo, que consiste sobre sua imagem. É onde impera o Eu ideal, que tem o seu registro no imaginário. O Eu ideal é a identificação primária com o Outro. É a condição de alienação do sujeito, portanto não há diferenciação entre o Eu e o Outro. O amor parece residir nessa questão do ser que é percebido pelo outro, que é olhado, pois o espelho não necessariamente vai ser o que projeta a imagem, mas também um olhar que evidencia o reconhecimento, a interação com esse outro.

¹ “Para fixar nossa meta, direi que o objeto a não deve ser situado em coisa alguma que seja análoga à intencionalidade de uma noese. Na intencionalidade do desejo, esse objeto deve ser concebido como a causa do desejo. Para retomar minha metáfora de há pouco, o objeto está atrás do desejo”. (LACAN, 2005, p. 114-115)

² Utiliza-se moi quando o sujeito se reporta a ele mesmo de maneira reflexiva. Lacan chama o moi de sujeito reflexivo, narcísico ou especular. (LACAN, 1998).

Lacan (2010) aponta que o amor nada mais é do que uma metáfora. Sabe-se que a metáfora é uma figura de linguagem firmada por relações de similaridade e substituição, a qual consiste em designar alguma coisa por meio de outro nome. É substituição significativa, em termos lacanianos (DOR, 1989, p.43). A definição da metáfora do amor fora expressa por Lacan nos termos: “é na medida em que a função do érastè³, do amante, na medida em que ele é o sujeito da falta, vem no lugar, substitui a função do érôménos⁴, o objeto amado, que se produz a significação do amor.” (LACAN, 2010, p. 57).

A respeito do que é produzido com esta metáfora, é necessário ressaltar que se trata de uma mudança de posição, em que o sujeito ama para ser amado a fim de atrair para si o desejo do Outro. Na relação com o outro amado, o sujeito visa encontrar não o outro como um objeto que o completaria, mas sim o desejo do Outro, ou seja, amar aquele que não é completo, que possui uma falta, a qual pode ser entregue como um signo do amor. Conclui-se, portanto, que “o sujeito ama como artimanha para se sentir amado, numa busca de recuperação narcísica.” (PISETTA, 2008, p. 154).

A seguir vamos abordar uma releitura das teorias freudiana e lacaniana, cujo objetivo engloba o estudo do tema: o amor, em sua amplitude e complexidade, e não em suas reduções, uma vez que tal objetivo é de interesse do campo psicanalítico, já que apresenta a complexidade do tema em suas diferentes abordagens do campo amoroso.

2.1 As Escolhas Amorosas

Ao procurar material para a realização do presente artigo, me deparei com uma entrevista do psicanalista Jacques-Alain Miller. A entrevista foi concedida à Hanna Waar, do Psychologies Magazine no ano de 2008, com o título: O amor e o impossível. Na entrevista o psicanalista cita uma frase que me despertou um misto de sentimentos: “Amar verdadeiramente alguém é acreditar que, ao amá-lo, se alcançará uma verdade sobre si. Ama-se aquele ou aquela que conserva a resposta, ou uma resposta, à nossa questão: Quem sou eu?”. Sem dúvidas é um excerto que

³ Érastè: lugar daquele que ama;

⁴ Érôménos: lugar do amado; esta noção pode ser apreendida a partir do que ocorre na transferência analítica, em que, para descobrir algo de seu desejo, o sujeito coloca-se em uma posição de amar o suposto saber do analista. (LACAN, 2010).

me fez pensar sobre o sentido do amor, e remete à questão que muitas vezes não conseguimos compreender: por que almejamos tanto em ter um par amoroso? Segundo Alain Miller (2008), quando amamos alguém, inconscientemente o que queremos mesmo é descobrir mais sobre quem somos por isso ocorrem os processos de identificação ao nos interessarmos por alguém. Projetamos no outro aquilo que inconscientemente desejamos ser, ou ter. Aquilo que nos falta e que temos a esperança de que esse outro venha para preencher, completar. Ele também cita duas frases de Jacques Lacan: “Amar é querer ser amado”. E completa ao dizer: “O amor é sempre recíproco”.

A partir dos pensamentos citados anteriormente, pode-se auferir que há reciprocidade no sentido em que a pessoa retribui os sentimentos, mas o que o autor propõe é que existe alguma coisa no outro que em mim provoca o amor, algo com o qual eu me identifico, mas que vem desse outro. Para amar é preciso reconhecer em nós mesmos nossa falta. Falta sempre alguma coisa, nos falta inclusive saber quem somos. E buscamos isso no outro através do amor.

Ao falar de amor, Lacan aponta à presença de uma falta presente nos encontros sentimentais. Deve-se ressaltar que aquilo que o sujeito não possui, ou seja, a sua falta, é o que pode ser ofertado ao outro amado. No amor, afirma-se, portanto, que não se é completo, pois se pedimos algo, é porque algo nos falta. O que se procura encontrar no outro é o objeto amado. Este objeto é atingido na relação amorosa, e seu alcance pode ser pensado em termos de uma conquista para o sujeito. (LACAN, 2010)

Freud aprofundou o processo de identificação a partir de seus inscritos em 1921 ao escrever o texto *Psicologia das Massas e Análise do ego*. Podemos compreender através da obra do autor que a identificação respondeu por muitas das funções anteriormente atribuídas à pulsão de auto conservação (pulsão do ego), uma delas é que se refere à escolha amorosa, pois é através das identificações que o sujeito se relaciona. Há neste texto a reafirmação de uma identificação primordial estruturante que antecede todo o jogo objetal do complexo de Édipo.

Pela via da psicanálise, podemos ver a identificação como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa. Seguindo a leitura da obra, a identificação desempenha um papel na história primitiva do complexo de Édipo. Essa identificação dá-se por uma subordinação à lei, a uma lei internalizada pela via do ideal do eu. Para Lacan apud Stenner (2004) é pela vinculação do significante ao

ideal que se abre ao sujeito a possibilidade de saída do campo narcísico, onde a identificação com a imagem do pai (ele quer ser o pai) instaurando o corte simbólico na relação incestuosa com a mãe dá origem à civilização, ao ver-se privado por uma renúncia pulsional. Ou seja, a identificação é a primeira forma de construir um laço, de se ligar a um objeto, uma regressão da mesma, pois se introjetaria o objeto ao ego. Ela seria uma tentativa de moldar o ego de acordo com aquele com quem nos identificamos.

Outro ponto importante situado por Freud (1921/1996) é que quando amamos alguém a idealização projetada no objeto, e o eleito é tratado da mesma forma que trataríamos nosso próprio ego. Colocamos nele nossa libido narcisista. Amamos o outro porque ele comportaria as perfeições que almejaríamos para o nosso próprio eu. O objeto acaba sendo posto no lugar do ideal do ego. A diferença entre uma identificação com o objeto de amor e a idealização seria que na primeira haveria um enriquecimento do ego, já na segunda ele estaria empobrecido.

Segundo Freud (1914/1996) nós amamos o objeto em função das perfeições que nos esforçamos por conseguir para o nosso próprio ego. Sendo assim ele define as escolhas amorosas como sendo guiadas por um esforço por atingir uma perfeição egóica, sendo amado aquele objeto que possuiria a excelência que falta ao eu para torná-lo ideal. A partir desta leitura freudiana do amor, vimos que o amor se destaca como um meio através do qual o sujeito busca encontrar-se com uma experiência não apenas de perfeição, mas acima de tudo, de plenitude por meio de um (re)encontro com o que Freud nomeia narcisismo primário, ou um “verdadeiro amor feliz”, no qual se supõe uma indistinção ou uma unidade entre o eu e o objeto. Desta visada do amor, Freud depreende que um retorno a esta unidade perfeita que se supõe antes vivida junto a um objeto é o que “as pessoas se esforçam por atingir como sendo sua felicidade”. (FREUD, 1914. p 226)

Para adentrar sobre a teoria do amor na Psicanálise, temos de recorrer à teoria da libido formulada por Freud. Para assim poder compreender como se dá o processo do amor. No texto *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade* de 1905, Freud apresenta, de maneira detalhada, este conceito e como ele influencia na escolha de um objeto de amor. Ele fala da teoria da libido como uma força quantitativamente variável que poderia medir os processos e transformações ocorrentes no âmbito da excitação sexual, com um caráter qualitativo. A libido está para o desejo sexual como a fome para a necessidade de alimento (FREUD, 1996).

O conceito de libido é de extrema importância, inclusive estando postulado como pano de fundo de toda a neurose. Os sintomas dos quais os pacientes se queixam seriam resultantes dessa energia. Quando nos aprofundamos sobre a história de vida de um indivíduo podemos facilmente perceber os aspectos multivalentes que todos carregam, por exemplo, o fato de que de forma inconsciente temos uma pulsão agressiva durante a infância, e esta seria a responsável por, mais tarde, permitir a transformação do amor em ódio, pois toda pulsão tem um par oposto (FREUD, 1905/1996).

Segundo Nasio (1999), as pulsões sexuais seriam tendências, que nascem em uma zona erógena do corpo, aspiram ao ideal impossível de uma satisfação sexual absoluta, esbarram no recalçamento e, finalmente, exteriorizam-se por atos substitutivos do impossível ato incestuoso. São múltiplas as pulsões sexuais e elas ficam no território do inconsciente. Sua existência se dá desde quando somos gerados até o dia de nossa morte. Suas manifestações mais marcantes aparecem durante os primeiros cinco anos de nossa infância.

Freud decompõe a pulsão sexual em quatro elementos. Deixando de lado a fonte de onde ela brota (zona erógena), a força que a move e o objetivo que a atrai, a pulsão serve-se de um objeto por meio do qual tenta chegar a seu objetivo ideal. Esse objeto pode ser uma coisa ou uma pessoa, ora a própria pessoa, ora outra, mas é sempre um objeto fantasiado, e não real. Isso é importante para compreender que os atos substitutivos através dos quais as pulsões sexuais se exprimem (uma palavra inesperada, um gesto involuntário, ou laços afetivos que não escolhemos) são atos moldados em fantasias e organizados em torno de um objeto fantasiado. (NASIO, 1999, p.47).

A partir desta leitura é possível encontrar divergência e convergências entre a abordagem dos termos de amor e de pulsão. Poderíamos destacar duas características em comum: que do amor não podemos fugir (o senso comum também sabe bem disso) e que ambos mantêm relações íntimas com fontes de estimulação.

Pode-se destacar uma aproximação entre amor e pulsão ao se tratar do elemento da intensidade, pressão ou força de uma pulsão. Freud define que “por pressão de uma pulsão compreendemos seu fator motor, a quantidade de força ou a medida da exigência de trabalho que ela representa.” (FREUD, 1915/1996, p. 89). É nesse sentido que se pode dizer que a libido é a substância das pulsões sexuais e está sujeita a transformações. A quantidade de energia dessa força sempre em

movimento é distribuída de forma ou equivalente, ou desequilibrada. Ferreira (2004) remete ao texto sobre o narcisismo de Freud ao abordar as noções de equivalência e desequilíbrios energéticos que são utilizados para descrever a escolha do objeto amoroso:

No início, as pulsões sexuais e as pulsões do eu (pulsões de autoconservação) se misturam, tendo, portanto, a mesma quantidade de libido. Quando elas se separam, a bipartição da libido pode ser feita de forma desequilibrada: uma certa quantidade de libido retirada dos objetos é investida no eu, ou uma certa quantidade de libido retirada do eu é investida nos objetos. Esse deslocamento da libido determina duas escolhas do objeto amoroso: narcisista e anaclítica (de ligação). Estas guardam vestígios de dois tempos. Um tempo primitivo classificado de auto-erótico, em que ainda não se constituiu a separação entre as pulsões sexuais e as pulsões do eu. Outro tempo denominado de fase objetal, em que essas pulsões se separam. (FERREIRA, 2004, p.19).

Freud descreveu em 1912, que a pulsão é ambulante, sem objeto natural, de impossível satisfação e completude: “por mais estranho que pareça, creio que devemos levar em consideração a possibilidade de que algo semelhante na natureza da própria pulsão sexual é desfavorável à realização da satisfação completa.” (FREUD, 1912/1996, p. 62). Nesse ponto podemos considerar a pulsão como integrante do campo amoroso.

Em 1914, Freud desenvolve a sua teoria sobre o amor de forma mais consistente, a partir do conceito de narcisismo, no texto Sobre o narcisismo: uma introdução. Nesse texto, o autor relata que a escolha objetal anaclítica, que é caracterizada por uma forte dependência emocional em relação a alguém, essa escolha seria mais característica dos homens, pois ocorre um empobrecimento do ego em relação à libido em favor do objeto amoroso. Eles geralmente apresentam uma supervalorização sexual que se origina do narcisismo original da criança e é transferido para o objeto. Ao mesmo tempo, o amor narcisista relacionar-se às mulheres que amam ser amadas (FREUD, 1996).

Mas Freud (1914/1996) não deixa de frisar que existem muitas mulheres que amam no modelo masculino. Além disso, mesmo em casos de mulheres que apresentam uma predominância da escolha narcísica, quando elas geram seus filhos desenvolve-se o amor objetal. O autor ressalta que a preferência por um tipo de escolha objetal não exclui a possibilidade da outra se manifestar. Ou seja, não existe um tipo específico de escolha para cada indivíduo. Ambas podem se apresentar, embora possa haver uma predominância de um ou de outro tipo.

Na citação abaixo podemos ver que o amor estaria ligado à nostalgia de um objeto perdido, o qual não passaria de uma cena fantasiada, mas que o sujeito buscaria repetir no decorrer de sua história.

A volta da libido objetal ao ego e sua transformação no narcisismo, representa, por assim dizer, um novo amor feliz; e, por outro lado, também é verdade que um verdadeiro amor feliz corresponde à condição primeira na qual libido objetal e a libido do ego não podem ser distinguidas. (FREUD, 1914/1996, p.106).

A partir do que vimos sobre o amor narcísico podemos dizer que há uma idealização do amor e da pessoa amada. Segundo Freud (1914/1996) o “ideal do eu” se desenvolve através da idealização dos pais e de suas críticas, transmitidas através do seu discurso ao sujeito, somada às influências das pessoas que pertencem a seu ambiente, bem como à opinião da sociedade. O ideal do eu consiste, numa instância psíquica que tem origem narcísica e é constituído não apenas pelas influências paternas, mas sobretudo, da sociedade, servindo de referência ao eu para apreciar as suas realizações efetivas.

Resumindo a trajetória do amor, Ferreira (2005) refere aos textos de Freud: Sobre o narcisismo: uma introdução de 1914, o amor é abordado a partir da escolha de objeto. Em As pulsões e suas vicissitudes de 1915, ele é apresentado a partir das diferenças e articulações com as pulsões. Em Psicologia de grupo e análise do ego de 1921, Freud utiliza os conceitos de idealização e identificação para distinguir duas formas de amar. Já Lacan se dedica a apresentar o amor com função de sublimação, introduzindo um terceiro elemento entre amante e amado: a falta. Ele pensa, portanto, o amor a partir de três lugares: Sujeito (\$) que configura o amante, aquele que deseja porque algo lhe falta; Objeto (a) que representa o amado, aquele que possui algo de especial que é valorizado pelo amante; e por fim, a falta: é o nada que está para além do objeto.

A falta, é o que caracteriza a estrutura do ser humano, como vimos anteriormente, e o amor equivale a uma criação do homem para tentar dar conta desta estrutura faltante e incompleta. Seguindo a reflexão feita por Lacan:

[...] será que nunca lhes chamou a atenção que num dado momento, naquilo que vocês deram aos que lhe são mais próximos, alguma coisa faltou? E não apenas alguma coisa faltou, mas algo que os deixa, esses ditos mais próximos, irremediavelmente em falta por vocês? E o quê? (LACAN, 2010, p. 53).

Podemos observar a existência de uma possível incompletude no que diz respeito aos encontros os afetivos. Entretanto, o amor comporta uma incongruência: o amado não detém aquilo que lhe é suposto pelo amante, o que lhe falta. Esse encontro, mesmo quando bem-sucedido, será sempre marcado pela dimensão da falta. Não se trata de um encontro de completude, afinal “o que falta a um não é o que existe escondido, no outro. Aí está todo o problema do amor”. (Lacan, 2010, p.56)

De acordo com Lacan (2008), em O Seminário 20, o vazio que nos é estruturante é resultado da ausência de um significante: o significante do outro sexo. Isto significa que, no indivíduo, apesar da diferença anatômica entre os sexos, não há no psiquismo inscrição da diferença sexual, o que não invalida o ato sexual: entretanto, impossibilita a mutualidade entre os sexos. Partindo dessa premissa, ele postula a inexistência da relação sexual, pois se esta fosse possível, haveria gozo pleno e absoluto entre os corpos. Logo, ao sujeito é permitido apenas o gozo parcial.

Sustentado essa tese, Lacan define a relação sexual como aquilo que atesta como ele mesmo destaca, o “impossível”. Uma das formas de compreender esta impossibilidade é analisá-la como um processo intersubjetivo. Se a relação sexual fosse possível, ela seria uma relação intersubjetiva entre dois sujeitos encarnados em dois corpos. Mas o problema é que o corpo do outro sempre aparece como tela de projeção das fantasias do sujeito. Porém existe algo de que o sujeito lança mão para contornar a impossibilidade de correlação entre os sexos: é o amor. Afirma Lacan (2008, p. 51): “O que vem em suplência à relação sexual, é precisamente o amor”. Isto porque o amor tenta dar à relação sexual o que lhe escapa a todo instante, o seu significado. Esta é, portanto, uma forma de resistir à falta de sentido, pois o amor e paixão não quer saber da falha, da ruptura, da separação. Ele quer suturá-la a todo custo. É, portanto, na tentativa de unificação que se sustenta a promessa de felicidade no amor. A este respeito, diz Lacan:

Nós dois somos um só. Todo mundo sabe, com certeza, que jamais aconteceu, entre dois, que eles sejam só um, mas, enfim, nós dois somos um só. É daí que parte a ideia do amor. É verdadeiramente a maneira mais grosseira de dar à relação sexual, a esse termo que manifestamente escapa, o seu significado. (LACAN, 2008, p. 64).

Lacan (2008) afirma que embora a relação sexual não seja possível, essa impossibilidade não impede que o sujeito continue acreditando que possa obter a

sonhada união. O amor é uma tentativa de resposta exitosa à falha inerente ao desejo, pois ele não admite essa falha, ele quer preenchê-la a todo custo. O amor é o que vem em abastamento à ausência da relação sexual. Pode-se referir à concepção de Lacan (2010) sobre o amor, que consiste em dar o que não se tem. Quando se ama, entrega-se ao outro um signo deste amor, dá-se a falta àquele que não poderá fazer nada além de mostrar-se também como faltante. Contudo, se por meio do amor o sujeito crê ter atingido a completude, essa ilusão se mostrara momentânea. Se, por um lado, o encontro entre os amantes proporciona um apaziguamento ao supor restabelecer a integridade narcísica, por outro, implica sempre um efeito de logro. Basta amar para que o amor revele o que tem por função velar.

2.2 É amor ou Paixão?

Certa vez ouvi um amigo dizer: “A diferença entre paixão e amor é que no primeiro caso você encontra alguém perfeito, no segundo, você percebe que não é, e não se importa”. De fato, é uma frase que nos remete a pensar nas diferenças desses dois fenômenos. Podemos começar pela ideia de que o verbo ‘amar’ é, gramaticalmente, um verbo transitivo: descreve um movimento dirigido para um objeto. Já o verbo ‘apaixonar-se’ é classificado, gramaticalmente, como ‘reflexivo’, em que é descrito um movimento do sujeito gramatical em direção a si mesmo (FERREIRA, 1986). Quando estamos apaixonados só existe o outro, no qual nos fundimos. O “eu” não existe provisório ou permanentemente, e este, o aspecto temporal, é um dos grandes problemas na questão amor x paixão. O objeto da paixão é um ser totalmente idealizado, e aquele que se apaixona se sentirá totalmente identificado a ele, por algum tempo ou de modo permanente.

Segundo a psicanalista Engbrecht (2008) assim como no mito grego do Narciso, jovem dotado de beleza singular, que se apaixonou pela própria imagem e ficou a contemplá-la até morrer, a paixão produz essa mesma cegueira, a cegueira para as diferenças. No caso da paixão não são os opostos que se atraem, mas os iguais. A paixão não contempla as diferenças, pois está voltada para si mesma, produzindo um amor narcisista.

Freud descreve a paixão em Psicologia de grupo e a análise do ego de 1921, como um estado no qual o olhar apaixonado desvaloriza intensamente o próprio eu.

O sujeito fica em um estado de fascinação e servidão em relação ao objeto tal qual ocorre na hipnose, onde o sujeito não presta atenção a ninguém que não seja o hipnotizador. Para ele, em ambos os casos há a mesma sujeição humilde, há o mesmo enfraquecimento de iniciativa própria do sujeito e, na hipnose, o hipnotizador ocupa o mesmo lugar do objeto amado: o do ideal do eu.

O objeto se torna cada vez mais precioso, tomando todo o “auto amor” do ego. O sacrifício de si mesmo torna-se, inevitavelmente, um dos desfechos possíveis do processo quando, segundo o autor, ‘o objeto (acaba por) consumir o ego’. Desta forma, as funções do ideal do eu ficam paralisadas. O autor ainda salienta que a paixão consiste num investimento da libido narcísica, de forma maciça, no outro, por isso se transforma num objeto ideal (FREUD, 1921/1996).

Já a idealização, segundo o autor (1914/1996), é um processo psíquico que diz respeito ao objeto amado, processo pelo qual suas qualidades e valores são exaltados ou até mesmo elevados à condição de perfeição, torna-se absolutamente fascinante, e por isso atraente para aquele que ama.

A idealização é um processo que envolve o objeto; sem variar de natureza, este é engrandecido e realçado psicologicamente. A idealização é possível tanto no campo da libido do eu quanto no da libido de objeto. Por exemplo, a sobre-estimação (supervalorização) do objeto é uma idealização deste. (FREUD, 1914/1996, p. 81).

Essa supervalorização, de acordo com Freud (1914/1996) é a origem da paixão, que infere um fluir da libido do eu em direção ao objeto, ocasionando com isto um empobrecimento libidinal do eu em perda do domínio da libido objetal.

Em se tratando do amor, é necessário deixar de ver a imagem dos outros para reconhecer-se. A reflexão sobre si mesmo se dá quando não há um espelho, nem a perfeição que a paixão suscita. Quando se ama, há um autoconhecimento de si mesmo. É no amor que vamos aprender a lidar e a desenvolver alguns sentimentos, como por exemplo, a paciência em não ter o domínio sobre o outro, a lidar com as diferenças, a suportar que o amado não vai preencher o vazio faltante. Antes de sentirmos o amor, pode haver uma lista de exigências e idealizações, com tudo que se espera do eleito, mas quando o amor se apresenta, ele faz com que todos esses critérios sejam colocados de lado. Isso não dá pelo fato de que quando se ama os valores são perdidos, mas sim porque é através do amor que se descobre quais são os reais valores (ENGBRECHT, 2008).

No texto de 1914 de Freud, sobre o Narcisismo, o autor entendeu que os investimentos de libido, feitos em alguém e em si mesmo podem desequilibrar-se em duas situações: na doença quando a libido fica totalmente retraída para o eu, e na paixão, quando a libido esta totalmente dirigida ao alvo da paixão. No amor a libido pode recuperar novamente esse equilíbrio não há um foco exagerado nem em si mesmo, nem no ser amado.

A autora Engbrecht (2008) cita que há duas formas de cegueira: uma pela paixão e a outra pelo equívoco de ver só a si mesmo. São dois momentos de investimento, de idealizar o ser amado ou de confundi-lo consigo mesmo. Perceber as diferenças do outro e as de si próprias significa recuperar o equilíbrio de investimentos, um momento importante de amadurecimento e desenvolvimento do amor e da própria pessoa, pois quando falamos que pessoas diferentes se amam, significa entender que o amor não está na complementariedade, mas na companhia diante da vida. Podemos entender que apenas as pessoas que atingem a maturidade conseguem amar o diferente. As afinidades de valores e de sentidos para a vida possibilitam acompanhar-se. Mas é somente amando que se escuta as diferenças entre a lista de exigências e o real, entre o que cada um acreditava que desejava e o que descobre de novo, de inaugural quando ama.

A paixão começa como momento inicial da entrega para o amor. A cegueira da paixão é quebrada quando descobrimos e nos encontramos com o ser amado. Neste momento não estamos mais enganados, imaginando que encobrimos os defeitos do amado, mas quando se revela a beleza do amor. O amor é um instrumento de descoberta de si mesmo. Freud descobriu a cura através do amor. Ele utilizou o amor da transferência como instrumento e descoberta do que repete sem ser escutado, só revivido. Ele descobriu que quando esse amor é escutado não apenas no que está dito, mas no que há em suas entrelinhas, a pessoa passa a escutar-se e a descobrir-se. Descobre-se que não há instrumento específico para descoberta do amor, mas ele, o amor, é o instrumento de descoberta de si mesmo (ENGBRECHT, 2008, p. 46).

Para Freud (1921/1996), 'estar apaixonado' é diferente de 'estar amando' que é uma escolha do tipo anaclítica. Quando o ser está apaixonado implica, necessariamente, a servidão do enamorado ao objeto da paixão. Já o amor leva o ego a enriquecer com as propriedades do objeto, introjetando-as em si próprio. No estado da paixão o ego empobrece, entrega-se ao objeto, nas palavras de Freud, substitui seu constituinte mais importante pelo objeto.

A pessoa, em seu desenvolvimento, buscará um amor narcisista, um amor pelo igual, e que auxilia a construir a sua identidade. A pessoa, no início de um relacionamento, vai entregar um amor apaixonado. A partir do momento que o amor é dito como instrumento de descoberta, a pessoa amplia a capacidade de amar. A busca pelo amor correspondido cede o lugar para o amor em verbo.

2.3 As dores do amor

“A dor de amar é uma lesão do laço íntimo com o outro, uma dissociação brutal daquilo que é naturalmente chamado a viver junto” (NASIO, 2007 p.31). Ao ler o livro *A dor de amar* do psicanalista Nasio (2007), podemos salientar que amar é um estado que habita o coração da condição humana em suas dimensões mais prazerosas e também naquelas em que nos leva ao desespero mais profundo. Talvez não haja maior prazer do que aquele proporcionado quando amamos. Em compensação, parece não haver dor mais profunda, desespero maior do que a desilusão amorosa.

Nunca estamos tão indefesos e expostos em relação ao sofrimento do que quando amamos e nunca estamos tão infelizes do que quando perdemos nosso objeto de amor ou o amor dele por nós. Freud (1915/1996) aponta que o sofrimento nos ameaça a partir de três direções: do nosso corpo, condenado à decadência e à dissolução, que nem mesmo pode dispensar o sofrimento e a ansiedade como sinais de advertência; do mundo externo, que pode voltar-se contra nós com forças esmagadoras e impiedosas; e, finalmente, dos nossos relacionamentos com outros seres humanos, sendo o sofrimento proveniente desta fonte talvez o mais penoso. Em *Reflexões para os tempos de guerra e morte* (1915/1996) demonstrando “a dor insuportável e desmoronamento frente à morte das pessoas amadas”, Freud sugere também:

O que libertou o espírito de indagação do homem não foi o enigma intelectual e nem qualquer morte, mas o conflito de sentimentos quando da morte de pessoas amadas, e, contudo, estranhas e odiadas. A psicologia foi o primeiro rebento desse conflito de sentimento. O homem já não podia manter a morte à distância, pois havia provado de sua dor pelos mortos. (FREUD, 1915, p. 294).

Para a psicanalista Engbrecht (2008) a tese é que não há amor sem dor na medida em que a dor de amar é inerente 'à própria condição de amar', não se restringindo à eventualidade da separação, na medida em que amar, na acepção madura do termo, implica em discriminação da individualidade. Amar dói na medida em que revela a alteridade, ou seja, a individuação e a solidão pessoal. Encarar a presença da alteridade refreia a onipotência, resulta na necessidade de abandonar o estado narcísico e seus eventuais benefícios. O processo alcançado de uma condição narcísica para uma de individuação não se faz sem dor.

Ao compreender a relação entre dores e amores e as dores de amar formasse uma base necessária para a reflexão sobre o amadurecimento. Não há apenas uma explicação simplificada para questionamentos do tipo: por que eu sofro mais de amor e fulano menos? Mas a forma como alguém amadurece vai delinear o ponto de vista que a pessoa tem em relação às dores do amor. O lugar que ocupa o sofrimento dentro dos relacionamentos varia muito, não em intensidade apenas, mas ao sentido dado ao sofrimento. Suportar e passar pela dor e pela angústia sem pressa é um desafio nos tempos atuais, quando há pressa, o tempo parece um inimigo. É necessário sentir a dor, passar pelo processo do amadurecimento e fazer do tempo um aliado!

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção do presente artigo baseou-se na ideia de como se daria a escolha do objeto amoroso, do motivo pelo qual escolhemos uma pessoa ao invés da outra. A partir da experiência do estágio em uma clínica psicanalítica, me deparei diversas vezes com questões que giravam em torno dos relacionamentos amorosos dos pacientes. Inicialmente havia a ideia de que esse questionamento poderia ser respondido de maneira objetiva e que ele traria uma explicação geral para a pergunta que a originou, mas conforme as leituras foram sendo feitas e percorrendo o caminho construído pelos autores como Freud e Lacan, pode-se perceber que na verdade esta resposta não pode ser dada de maneira coletiva, mas sim ao analisarmos a vida individual do sujeito neurótico.

Segundo o que foi exposto, não haveria um estatuto conceitual fechado a respeito do amor na teoria freudiana e nem lacaniana, restando senão a sua abordagem através das implicações com fenômenos a ele relacionados como a

pulsão, a libido e a transferência. Com o conceito da sexualidade juntamente com o da libido, possibilitamos chegar ao entendimento sobre o que leva a escolha do amado. Não é por acaso, mas sim uma constituição que vai se dando desde a infância até a vida adulta. Outro conceito importante quando trabalharmos com a Psicanálise e ao falarmos do campo amoroso é o da transferência. Freud foi o pioneiro sobre a aproximação do amor e da transferência, sendo o primeiro a notar essa tendência de surgir um vínculo amoroso do paciente para com o analista. Lacan dá continuidade e aprofunda esse estudo, dizendo que na verdade o amor e a transferência são a mesma coisa.

Em relação às diferenças do amor e da paixão, podemos apontar que os relacionamentos no qual o amor se estabelece, ambos os sujeitos investem no outro de modo semelhante, e os relacionamentos que se mantêm na paixão um dos dois investe no outro uma libido que deriva dos primórdios de sua vida, uma libido de bebê, para o qual o prazer supremo é o de continuar vivo, todo o mais sendo os benefícios secundários desse alimento primordial fornecido pelo outro. No amor, as duas pessoas estão em condições de desenvolvimento emocional razoavelmente semelhante, ambas puderam ir além da fase primária e tornar-se pessoas razoavelmente inteiras que existem por direito próprio, com o eixo da identidade colocado no interior de si mesmas, e não no outro.

A partir das teorias expostas, podemos concluir que o amor é mais um dos elementos da teoria psicanalítica que deve ser descolado do senso comum e de abordagens biologizantes de cunho realista para ser compreendido no campo da linguagem, ou seja, o amor em suas relações.

REFERÊNCIAS

FERREIRA, A. B. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, N. P. **A teoria do amor na psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

FREUD, S. **Estudos sobre a histeria (1893 - 1895)**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago,1996. v. 2.

FREUD, S. **Fragmentos da análise de um caso de histeria (1905)**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago,1996.

- FREUD, S. **Os instintos e suas vicissitudes (1915)**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. **Psicologia de Grupo e Análise do ego (1921)**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. **Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (1912)**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. **Sobre o narcisismo: uma introdução (1914)**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. **Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (1910)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- LACAN, J. (1960-1961). **O seminário: livro 8: a transferência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- LACAN, J. (1960-1961). **O Seminário, Livro 10, a angústia [1962-1963]**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- LACAN, J. (1972-1973). **O seminário: livro 20: mais, ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- LACAN, J. **O estádio do espelho como formador da função do eu**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- MILLER, J. A. **Entrevista de Jacques-Alain Miller**. 2008. Disponível em: <<https://www.revistaprosaveroearte.com/o-amor-e-o-impossivel-uma-entrevista-com-o-psicanalista-jacques-alain-miller/>>. Acesso em: 03 ago. 2018.
- MOURA, D. F. G. **A paixão amorosa e a fantasia**. 2007. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp056079.pdf>>. Acesso em: 03 ago. 2018.
- NASIO, J. D. **O prazer de ler Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- PISETTA, M. A. A. M. 2008. **Metáfora e real no amor: os destinos do amor na clínica psicanalítica**. Revista Diversa. Disponível em: <http://www.ufpi.br/subsiteFiles/parnaiba/arquivos/files/rded2ano1_artigo09_Angelica_Pisetta.PDF>. Acesso em: 22 maio. 2019.

RAVANELLO, T.; MARTINEZ, M. C. **Sobre o campo amoroso**: um estudo do amor na teoria freudiana. 2013. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cadpsi/v35n29/a10.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2018.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

STENNER, A. **A Identificação e a Constituição do Sujeito**. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v24n2/v24n2a07>>. Acesso em: 25 out. 2018.